



Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I. P.

Boletim Informativo IVDP, IP



AGO 25

A PHILLOXERA PULGÃO DA VINHA



Na segunda metade do século XIX apoderou-se uma catástrofe na viticultura nos diversos países da Europa, incluindo Portugal, com uma doença provocada por um inseto hermafrodita, a qual se intitulou de filoxera. Esta enfermidade, destacou-se pela existência de três espécies de insetos, denominada por *Phylloxera vastatrix*, provenientes da América, originárias de variedades de videiras desse continente. Os parasitas invadiam as raízes das videiras, sugavam a seiva, provocando amarelecimento e enfraquecimento das folhas, causando a destruição das plantas. O pânico instalou-se pelos viticultores de toda a Europa, com a inevitável chegada da filoxera, que surge, em 1863, em Orange, França. Rapidamente espalhou-se por toda a Europa, provocando a destruição das vinhas.

Em Portugal, entre 1890 e 1900, esta doença arrasou as vinhas em diversas regiões do país e o processo de combate até à restituição dos vinhedos, prolongou-se cerca de cinco décadas. Com grave impacto do ponto de vista social e demográfico, a filoxera contribuiu para a desvalorização das propriedades, para a redução da cultura vinícola e para o endividamento da população. Através do recurso à enxertia de videiras europeias (*Vitis vinifera*), sobre porta-enxertos de variedades e híbridos americanos, e resistentes à doença, a filoxera foi imobilizada. Mais do que uma tragédia agrícola, que implicou a quebra na produção de vinho, a filoxera foi um marco na história da viticultura moderna. No Douro, deixou um legado de resiliência, inovação e espírito de adaptação que permanece até hoje como parte do seu património imaterial.

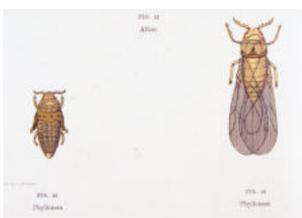
A Filoxera no Douro

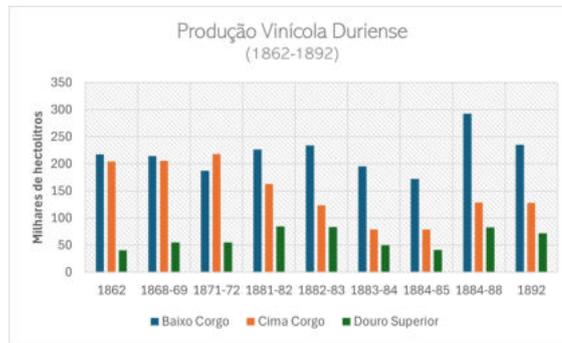


A filoxera instala-se em Portugal na segunda metade do século XIX, na região do Douro, no concelho de Sabrosa, através da plantação de cepas americanas (*vitis americana*), em 1863. Nos inícios dos anos setenta, a região do Alto Douro encontrava-se infestada pela filoxera, sendo a margem esquerda do Douro e o Cima Corgo as áreas mais afetadas. Toda a região duriense sofreu uma enorme devastação na maior parte dos vinhedos, apelidados, então, de *mortórios*. Sem a imunidade necessária, as videiras europeias, vulneráveis à filoxera, eram gradualmente dizimadas. A filoxera, manteve-se circunscrita às vinhas do Douro até finais da década de 1870, devido à proibição do transporte de videiras e outras plantas infetadas. Todavia, na década seguinte e até 1900, a infeção propagou-se ao resto do país. Em 1876, foram tomadas medidas para combater a filoxera. Foi criada uma comissão anti-filoxérica do Norte para o estudo da praga. Substituída, após dois anos, pela *comissão de estudo e tratamento das vinhas do Douro*, localizada no Porto. No Peso da Régua criou-se uma *comissão executiva* e nos diversos concelhos do Douro nomearam-se comissões de vigilância. Institui-se, no Peso da Régua e no Pinhão, *postos experimentais de ampelografia*, para observação e estudo das diferentes variedades das videiras e das suas doenças. Em 1882, o país foi dividido em duas circunscrições e criaram-se duas comissões anti-filoxéricas, a do Norte, sediada no Porto, e a do Sul, incluindo as ilhas. No ano seguinte cerca de 15 000 hectares de vinha duriense estavam destruídos.

Entretanto, o inseto continua a fazer estragos nas raízes das videiras. Pensou-se em *afogar* o parasita, inundando os terrenos com água de um rio ou ribeiro, conservando-a durante dias. Prática restrita e aplicável apenas a terrenos em plano horizontal e junto a cursos de água, devido às características orográficas da região. Utilizou-se o processo de desinfestação do terreno com produtos químicos, introduzindo cal e a potassa, sulfato de cobre e o enxofre.

Depois de várias experiências a nível europeu, decidiu-se aplicar o sulfureto de carbono, cujo tratamento às vinhas filoxeradas foi iniciado no Peso da Régua em 1879, injetando-o junto às raízes das cepas. Em 1880, este tratamento tornou-se obrigatório e as contribuições das vinhas afetadas foram anuladas, na totalidade ou parcialmente. O governo atribuiu aos serviços filoxéricos uma verba anual, até 25.000\$000 réis. Publica-se o *Jornal da Régua*, com o propósito de combater a filoxera. A fabrica de sulfureto de carbono mandada construir pelo governo, dois anos antes, na Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia, começa a produzir. O transporte deste químico e adubos destinados às vinhas era gratuito e feito pelos caminhos de ferro. No ano seguinte, o sulfureto de carbono foi vendido aos viticultores por um terço do custo da produção. Tal tratamento enfraquecia a filoxera, mas não travava a destruição da vinha. Colocava-se estrume ou adubo junto ao colo das videiras para resistirem ao parasita. Porém, esse método fortificou as videiras, germinando novas e tenras raízes, alimento essencial para a filoxera. Apesar de serem utilizados diferentes processos de combate à filoxera, os resultados alcançados eram inconclusivos, sendo imprescindível encontrar outra solução, com resultados mais eficazes e conclusivos. A introdução de videiras americanas com raízes mais lenhosas e menos tenras do que a videira europeia, veio resistir aos ataques da filoxera, e enxertando-lhes, depois as variedades europeias.





Em França, na escola de Montpellier realizavam-se estudos e experiências, para descobrir as variedades de cepas americanas adaptáveis às condições agro-climáticas de cada região, às plantas que se adequavam à enxertia com variedades nacionais e às mais resistentes para sobreviverem durante décadas. Nessa época, na região do Douro, surgiram alguns proprietários e viticultores pioneiros no combate à filoxera. Foi o caso de Joaquim Pinheiro de Azevedo Leite, residente em Provesende, concelho de Sabrosa. Praticou nas suas vinhas as experiências e os processos mencionados nas publicações periódicas de agricultura enviadas de Bordéus e Montpellier e importou desse país algumas variedades de cepas americanas, conseguindo produzir vinho do Porto. Salienta-se, também, o papel de Dona Antónia Ferreira, outra vanguardista no combate à filoxera. As suas principais quintas localizaram-se no Baixo Corgo e no Douro Superior, regiões durienses mais afetadas pela filoxera. Iniciou a luta à praga, com novos grandes investimentos em novas plantações. Reconstruí-as com mudanças técnicas, empregando milhares de trabalhadores. O agrónomo Batalha Reis, impulsionador das cepas americanas, foi enviado pelo governo para França e para outros países, para estudo de técnicas sobre a filoxera. Os conhecimentos adquiridos, essenciais para salvar a viticultura nacional, originaram a criação, nos serviços oficiais, de 22 viveiros de cepas americanas, com cerca de 150 mil cepas-mães, para gerarem varas e serem disseminadas pelos viveiros dos agricultores do país.

A medida mais drástica no combate à filoxera recaiu no arranque, na totalidade, das videiras e na replantação de videiras americanas. Medida contestada pelos agrónomos e pelos viticultores, que optaram pelo tratamento com sulfureto de carbono, e desesperavam ao presenciarem a destruição das vinhas, transformadas em *mortórios*. Em 1884, em alternativa à vinha destruída pela filoxera, o governo autorizou na região do Douro, a título experimental, com duração de três anos, o cultivo de 1000 hectares de terras com tabaco. Outras culturas agrícolas foram introduzidas, nomeadamente, o olival e o amendoal, as frutas para exportação, a exploração silvícola, a criação de gado e a cultura do café.

No período pós-filoxérico, a viticultura baseou-se na introdução de híbridos de espécies americanas resistentes à filoxera. Começou-se a utilizar o porta-enxerto americano, mais resistente à filoxera, em alternativa da plantação direta com varas de *Vitis vinifera*. Reorganizou-se o sistema de planeamento dos terrenos, consistido na redução do número de paredes, tornando-as mais altas, seguindo um traçado em linhas quebradas, com o objetivo de suportar a terra e alternar o seu declive, originando maior extensão vitícola. Prática que contribuiu para a transformação dos métodos tradicionais e para a introdução de inovações. Progressivamente, reiniciou-se a replantação da vinha nos *mortórios* abandonados. Na primeira década do século XX registou-se uma elevada produção de vinho na Europa e em Portugal. Como consequência, o governo regulamenta a produção, a venda e a exportação dos vinhos. Esta crise filoxérica mostra que, mesmo nas maiores adversidades, há espaço para reinvenção. Num tempo em que a sustentabilidade e as alterações climáticas voltam a desafiar o setor, a história da filoxera serve de alerta e de inspiração.



HISTÓRIA E SIMBOLOGIA



A Nova Molestia das Vinhas no Douro

Relatório apresentado à Comissão Central pela Delegação encarregada de estudar no Douro. Editado pela Imprensa Nacional, Lisboa, em 1873. Obra existente na Biblioteca do IVDP, IP.



Mapa de Invasão da Filoxérica em Portugal

Mapa da invasão da filoxérica nas regiões de Portugal e sua evolução entre 1862 e 1895 e anexado à monografia: “O Problema Filoxérico em Portugal”, escrito por Alfredo Baptista e Edmundo Suspiro. Publicação da Direção-Geral dos Serviços Agrícolas do Ministério da Economia. 1955. Obra existente no acervo bibliográfico da Biblioteca do IVDP, IP.



Aplicação de sulfureto de carbono

Ilustração que demonstra a aplicação de sulfureto de carbono nos terrenos, com os respetivos injetores. Instrumentos utilizados no combate à filoxera.

Imagem reproduzida da obra “Tratamento dos vinhos phylloxerados..” da autoria de F. d'Almeida e Brito, 1884.

NOTAS A LÁPIS



Nesta videira, disse-me o cavalheiro francês, sem dúvida o insecto está a lavar, e para disso me convencer, ordenou que se arrancasse aquela cepa. Examinei as raízes. Sobre elas encontravam-se centos de pequenas manchas, mais pequenas que as cabeças do mais fino alfinete. Deram-me uma lente e logo distingui os insectos, aglomerados em número imenso nas tenras radículas da cepa.

Barão de Roeda

In A filoxera na Região Duriense – J.T. Montalvão Machado

Referências

Referências Bibliográficas:

- Dias, J., Freitas, José, Pereira, G.M. (coord). (2002). Após a Filoxera, exposição. Museu do Douro.
- Machado, J.M. (1982). A filoxera na região Duriense. O vinho na história portuguesa, séculos XIII-XIX. Ciclo de conferências. Academia Portuguesa da História: Fundação Eng. António de Almeida. 345-356.
- Martins, C.A. (1991). A Filoxera na Viticultura Nacional. Separada da Revista Análise Social, vol. XXVI, (112-113), 1991 (3^o-4^o), 653-688.
- Baptista, A, Suspiro, E. (1955). O problema filoxérico em Portugal (estado actual da sua evolução). Ministério da Economia: Direção-Geral dos Serviços Agrícolas.

Diplomas Legislativos:

- Decreto de 7 de agosto de 1878. Carta de lei de 16 junho de 1880. Decreto de 22 de junho de 1880. Carta de lei de 08 junho de 1881. Decreto de 05 de agosto de 1882.

Ficha Técnica

Título | Boletim Informativo

Data | julho 2025

Coordenação e Edição | Núcleo do Conhecimento, IVDP, IP

Seleção de Imagens | Sandra Bandeira, Raquel Almeida

Fotografias | Autoria de Álvaro Cardoso de Azevedo (Casa Alvão) ca. 1940. João Paulo Sottomayor. Litografia de Emilio Biel & C^a., reproduzida do livro «Viticultura e Vinicultura» da autoria do Visconde de Vilarinho de S. Romão, Lisboa, 1896 (S. A.), Col. Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I.P.

Edição texto | João Carvalhais, António Pereira, Raquel Almeida, Sérgio Almeida

Montagem | Ana Pina

Periodicidade | Mensal

URL | <https://ivdp-ip.azurewebsites.net/pt/comunicacao/boletim-informativo/>



Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I.P.



REPÚBLICA
PORTUGUESA

AGRICULTURA E MAR